



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JOANILSON GONÇALVES DE PONTES

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE
A CONCEPÇÃO E A PRÁTICA DAS DOCENTES DA ESCOLA MUNICIPAL
GOVERNADOR ANTÔNIO MARIZ - DONA INÊS/PB**

**GUARABIRA
2018**

JOANILSON GONÇALVES DE PONTES

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE
A CONCEPÇÃO E A PRÁTICA DAS DOCENTES DA ESCOLA MUNICIPAL
GOVERNADOR ANTÔNIO MARIZ - DONA INÊS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Orientadora: Prof^a Mestra Ingrid Karla Cruz Biserra

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P813a Pontes, Joaílson Gonçalves de.
Avaliação da aprendizagem escolar [manuscrito] : uma interpretação sobre a concepção e a prática das docentes da Escola Municipal Governador Antônio Mariz - Dona Inês/PB. / Joaílson Gonçalves de Pontes. - 2018.
33 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Ingrid Karla Cruz Biserra, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Avaliação da Aprendizagem. 2. Docentes. 3. Dona Inês/PB. I. Título

21. ed. CDD 370.154

JOANILSON GONÇALVES DE PONTES

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE
A CONCEPÇÃO E A PRÁTICA DAS DOCENTES DA ESCOLA MUNICIPAL
GOVERNADOR ANTÔNIO MARIZ - DONA INÊS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Aprovado em: 23/11/18.

BANCA EXAMINADORA

Ingrid Karla Cruz Biserra

Prof^a Mestra Ingrid Karla Cruz Biserra (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mônica de Fátima Silva Cavalcante Pereira

Prof^a Mestra Mônica de Fátima Silva Cavalcante Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thayana Priscila Domingos da Silva

Prof. Mestra Thayana Priscila Domingos da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

As pessoas que caminharam comigo durante os cinco anos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela sua bondade, por ter conseguido concluir o curso de Pedagogia.

A UEPB, principalmente aos/as professores/as: Isandra Gomes Falcão, Rita Rocha Cavalcante, Luciana da Silva Nascimento, Márcia Gomes dos Santos Silva, Mônica Guedes, Thaises Araújo e Ingrid Karla Cruz Biserra, a vocês a minha eterna gratidão.

A coordenação do curso de Pedagogia que sempre me ajudou quando precisei. A minha orientadora, professora Ingrid Karla Cruz Bisera, que sempre me incentivou na busca de novos conhecimentos, tendo muita paciência comigo. A você meus sinceros agradecimentos pela conquista alcançada na vida acadêmica.

Aos meus pais, João Batista Marinho de Pontes e Terezinha Gonçalves de Pontes, obrigado por segurar na minha mão quando precisei de forças para caminhar.

Aos meus irmãos, amigos e familiares, o meu muito obrigado.

Aos colegas de turma, com os quais convivi cinco anos de experiências na sala de aula.

A Mônica Santos da Silva, que sempre me motivou na busca dos meus objetivos, o meu sincero agradecimento.

A todas as pessoas que por vários motivos me entenderam ou ignoraram, perdão, alegria e compreensão. Enfim, meus agradecimentos a todos/as que contribuíram direta ou indiretamente na minha formação universitária.

Não é nada fácil a decisão de aventurar-se ao conhecimento. É preciso muito preparo e acreditar que valerá a pena.

Jussara Hoffmann

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 PARA QUÊ E PORQUÊ AVALIAR?	11
3. AVALIAÇÃO ESCOLAR: CAMINHANDO ENTRE AS VOZES E AS PRÁTICAS DE DUAS PROFESSORAS.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE A – OS TERMOS DE CONSENTIMENTO.....	30
APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	32

AValiação DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE A CONCEPÇÃO E A PRÁTICA DAS DOCENTES DA ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR ANTÔNIO MARIZ - DONA INÊS/PB

Joanilson Gonçalves de Pontes¹

RESUMO

O objetivo deste artigo foi analisar a concepção de avaliação da aprendizagem através do olhar de duas docentes que exercem a docência em turmas de 2º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Governador Antônio Mariz, localizada no município de Dona Inês, Paraíba. A análise foi realizada a partir de um levantamento bibliográfico, com leitura e fichamento do material. Em seguida, foi realizada a aplicação de duas entrevistas, abordando questões a respeito da avaliação – e de aspectos a ela atrelados, no cotidiano escolar. As professoras A e B, no tocante o planejamento e a avaliação, possuem as suas práticas docentes similares, havendo poucas diferenças notáveis entre as mesmas, principalmente relacionadas a aplicação dos conteúdos em sala de aula. Ambas estão sempre participando de cursos de formação continuada para uma melhor qualidade de ensino dos/as alunos/as desta referida instituição de ensino. Notou-se em sala de aula, a partir da observação realizada, alguns instrumentos avaliativos diferentes da Professora B, como por exemplo: a escrita, a produção textual e a maneira com que o/a aluno/a se comporta, onde ficou notória a participação, a interação e o dinamismo dos/as mesmos/as nas atividades propostas pela docente.

Palavras-Chave: Avaliação da aprendizagem. Docentes. Dona Inês/PB.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem está presente nos processos de ensino e de aprendizagem como forma de mediação do conhecimento na sala de aula, para que o/a professor/a passa sempre refletir sobre a sua prática pedagógica. Para isto, é preciso estudo sobre a avaliação como ferramenta didática, porque a mesma tem um caráter de aperfeiçoamento do ensino e deve estar em prol do/a aluno/a e do/a docente.

É de suma importância a reflexão e a produção acadêmica como forma de investigar a avaliação nas séries iniciais do ensino fundamental, pois muitos fracassos² escolares estão intrinsicamente relacionados à avaliação escolar no cotidiano das escolas atuais. A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma. Ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade de ser humano de educação e

¹ Estudante de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

² Quando o/a aluno/a muitas vezes desiste de estudar por vários motivos como familiar, cultural, social, educacional e político em que o indivíduo faz parte desta realidade.

consequentemente de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica. (CALDEIRA, 2000, p.122).

De acordo com o artigo 24 (alínea a) da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, deve haver uma avaliação contínua e cumulativa do desempenho do/a estudante, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, e dos resultados ao longo do período em detrimento a eventuais exames finais. A avaliação da aprendizagem escolar representa para o ensino uma ferramenta benéfica, pois o/a profissional tem um melhor direcionamento para o desenvolvimento do seu trabalho pedagógico.

O interesse em estudar essa temática iniciou no componente curricular de planejamento e avaliação, no sexto período do curso de Pedagogia, com a professora Aurenísia Ivo. Nesse momento comecei a me interessar sobre as formas de avaliar na escola e a considerar um assunto de grande importância na prática pedagógica. Aos poucos fui alicerçando a ideia de produzir um artigo científico nesta área de estudo, como forma de incentivar os/as profissionais da educação na busca de uma avaliação contínua e formativa, que não apenas atribuisse notas, mas que incitasse o interesse pelo conhecimento.

Este trabalho, como fruto dessa inquietação, teve como objetivo geral analisar a concepção de avaliação da aprendizagem escolar de duas docentes que trabalham em turmas de 2º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Antônio Mariz, localizada no município de Dona Inês/ Paraíba. Desse objetivo outros foram elencados para a execução da pesquisa: compreender o processo de avaliar e as suas implicações nos processos de ensino e de aprendizagem, de acordo com a bibliografia pertinente sobre o tema; Analisar a concepção sobre avaliação da aprendizagem escolar dos/as professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Antônio Mariz – Dona Inês/Paraíba; e observar aspectos da prática avaliativa dessas professoras.

Com o intuito de fazer uma revisão da literatura, elencamos alguns/as autores/as que discutem sobre os processos de avaliação escolar e elementos a ela relacionados, dentre os/as quais: VASCONCELOS (2007), LUCKESI (2011), BALLESTER (2003), HOFFMAN (2005), LIBÂNEO (1994), SOARES (1982), ESTABEN (2003), PILETTI (1999).

No primeiro capítulo, apresentamos a *introdução* do artigo como forma de situar o tema abordado no contexto do pensamento acadêmico e suas contribuições para o meio escolar. No segundo capítulo, questiona-se *Para quê e porquê avaliar?* como forma de aperfeiçoar o planejamento e a avaliação e suas implicações nos processos de ensino e de

aprendizagem, através de uma leitura crítica de vários autores/as sobre o tema elencado no artigo supracitado.

No terceiro capítulo, *Avaliação escolar: caminhando entre as vozes e as práticas de duas professoras*, abordamos a caracterização da Escola Municipal Governador Antônio Mariz-Dona Inês/PB, enfocando vários aspectos do ambiente escolar para a melhor compreensão da área de pesquisa, como também a avaliação escolar, a partir da fala e das práticas de duas professoras, relacionando as suas práticas pedagógicas com alguns teóricos da área de estudo. Por fim, apresentamos as *considerações finais* que trazem aspectos das discussões da prática docente das duas professoras entrevistadas e finalizam a discussão proposta.

2 PARA QUÊ E PORQUÊ AVALIAR?

Nas últimas décadas pesquisadores/as têm se debruçado sobre questões que envolvem a avaliação³ no ambiente escolar. Uma delas é: para quê e porquê avaliar? Na tentativa de discutir sobre os aspectos que envolvem esse debate, dialogamos com alguns dos/das principais autores/as do campo, com o intuito de compreender melhor esse processo.

Para Luckesi (2011, p. 81) a avaliação na contemporaneidade deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontre o/a aluno/a, com vistas a tomar decisões suficientes e satisfatórias. A avaliação deve ser entendida como um elemento norteador dos processos de ensino e de aprendizagem nas escolas e não como algo punitivo ou instrumento de castigo para os/as alunos/as que, em alguns casos, são vítimas da hegemonia educacional que está, em alguns casos, a serviço da classe dominante, e é utilizada como um instrumento disciplinador de condutas cognitivas e sociais no contexto escolar.

Nota-se que a avaliação na educação brasileira traz consigo os três tipos de processo: diagnóstica, formativa e somativa, interligadas entre si. Para Ballester (2003, p. 27),

[...] A avaliação diagnóstica é entendida como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontre o/a aluno/a, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que se possa avançar no seu processo de aprendizagem. Tem como principal objetivo determinar a

³ Historicamente, a avaliação escolar remonta às práticas das provas e exames no processo de emergência e cristalização da sociedade burguesa. No entanto, desde a pedagogia jesuítica existiram pensamentos ligados a ideologia da igreja católica, especialmente contra os protestantes, utilizando de mecanismos de controle social, econômico e educacional.

situação de cada estudante antes de iniciar um determinado processo de ensino para poder adaptá-lo às suas necessidades. A formativa responde a uma concepção do ensino que considera que aprender é um longo processo por meio do qual o/a aluno/a vai reestruturando seu conhecimento a partir das atividades que executa. Por última a somativa tem como função social assegurar que as características dos estudantes respondam as exigências do sistema. Mas também pode ter uma função formativa de saber se os alunos adquiriram os comportamentos previstos pelos professores e em consequência têm os pré-requisitos necessários para aprendizagem posteriores ou para determinar os aspectos que deveriam ser modificados em uma futura repetição da mesma sequência de ensino e de aprendizagem.

Cada vez mais considera-se que se queremos mudar a prática educativa é necessário mudar a prática da avaliação, ou seja, mudar sua finalidade e o quê e como se avalia. A avaliação tem que ser contínua, o/a aluno/a o sujeito principal dos processos, e o/a docente tem o papel de mediador/a desse processo.

É preciso, antes de mais nada, observar para depois avaliar. Em alguns casos, a prática tem sido inversa: primeiro a barreira do julgamento e depois a observação dos fatos. Neste caso, a observação fica obnubilada pelo julgamento. Não é fácil observar primeiro para depois julgar, mas é preciso aprender esta conduta se queremos usar o erro como fonte de virtude, ou seja, de crescimento. O erro para ser utilizado como virtude ou crescimento necessita de efetiva verificação para ver se estamos diante dele ou da valorização preconceituosa de um fato ou de um esforço, visando compreender o erro quanto à sua constituição (como é esse erro?) e a origem (como emergiu esse erro?).

Segundo Luckesi (2011, p. 195) a ideia de erro emerge no contexto da existência de um padrão considerado correto. Uma conduta é considerada errada na medida em que se tem uma definição de como seria considerada correta e assim por diante. Sem padrão, não há erro. É importante destacar que o que muitas vezes é considerado insucesso, não significa erro, ao contrário, serve de ponto de partida para o avanço na investigação ou na busca de uma aprendizagem mais significativa.

O erro, especialmente no caso da aprendizagem, não deve ser fonte de castigo, pois é um suporte para a auto compreensão, seja pela busca individual, seja pela busca participativa. Assim sendo, o errar não é a fonte para o castigo, mas suporte para o crescimento. Nessa reflexão, ele é visto e compreendido de forma dinâmica na medida em que contradiz o padrão para posteriormente possibilitar uma conduta nova, pois é um importante elo para o desenvolvimento dos processos de ensinar e aprender.

A questão do erro, da culpa e do castigo no ambiente escolar está bastante articulada com a avaliação da aprendizagem. Está à medida em que ao longo do tempo foi

desvinculando-se da efetiva realidade da aprendizagem, para tornar-se um instrumento de ameaça e disciplinamento da personalidade do/a educando/a, e passou a servir de suporte para a imputação da culpabilidade e para a decisão de castigo.

O problema da avaliação está na estrutura: número de alunos por sala de aula, número de aulas que o/a professor/a tem que assumir para poder sobreviver, o sistema que exige e cobra notas, etc, e acrescentamos, que a própria falta de conhecimento do/a docente, com relação ao que é, para quê serve e como avaliar, contribui para os entraves que assolam a avaliação na prática pedagógica docente. (VASCONCELOS, 2007, p. 32).

Entende-se que um dos entraves na avaliação é seu uso como instrumento de controle de inculcação ideológica e de discriminação social. No entanto, diante da prática questionamos até que ponto é de fato compreendida pelos/as educadores/as ou até que ponto não representaria a repetição de um novo discurso politicamente correto (crítica de cunho reprodutivista). Isto porque, de um lado não se percebe os objetivos do sistema dominante e por outro lado, às vezes o professor não percebe o seu próprio envolvimento com esta realidade. (VASCONCELOS, 2007).

Às vezes, o/a professor/a mais aberto coloca a avaliação em questão a partir de um apelo de sua sensibilidade, quase que no nível ético: percebe os/as alunos/as sofrendo, preocupados em demasia com a nota. Não tem ideia, no entanto, da dimensão do problema com que está se deparando. Está se aproximando de um dos pontos centrais da concretização do autoritarismo no sistema escolar. O que se observa no/a estudante é o resultado de uma complexa cadeia de relações de reprodução das estruturas dominantes, porque tanto o professor quanto o/a aluno/a fazem parte desta conjuntura de ideologia.

O/a docente, em alguns casos, não tem consciência de que é mais um/a agente desse jogo de discriminação e dominação social. Faz simplesmente aquilo que sempre foi feito na escola, às vezes se acomodando com apenas os fundamentos da sua graduação – importante, mas não suficientes. Não percebendo inicialmente a real dimensão do problema, sua procura é em busca de técnicas mais apropriadas, para que tanto ele quanto os seus/uas alunos/as possam se sentir melhor em relação à avaliação.

A avaliação da aprendizagem, quando mal desenvolvida no ambiente pedagógico, pode colaborar com o processo de dominação, ajudando a formar um autoconceito negativo (incapaz, problemático, ignorante, etc.), desde a mais tenra idade das crianças, jovens e adultos. Um dos problemas centrais da avaliação, portanto, é o seu uso como instrumento de

discriminação e seleção social, na medida em que assume no âmbito da escola a tarefa de separar os/as aptos/as dos/as inaptos/as, os/as capazes dos/as incapazes.

Para Soares (1982, p. 53) a avaliação, sob uma falsa aparência de neutralidade e de objetividade, é o instrumento por excelência de que lança mão no sistema de ensino para o controle das oportunidades educacionais e para a dissimulação das desigualdades sociais, que ela oculta sob a fantasia do dom natural e do mérito individualmente conquistado, porque a avaliação às vezes se traduz na possibilidade de reprovar o/a aluno/a como também o/a professor/a através das legalidades vigentes.

A avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos. A avaliação deve ser contínua e feita durante o processo, quando o/a professor/a pode acompanhar a construção do conhecimento do/a educando/a, avaliar na hora que precisa ser avaliado, verificando os vários estágios do desenvolvimento dos alunos e não os julgando apenas num determinado momento. Dito de outra forma, é preciso avaliar o processo e não apenas o produto final.

No seu verdadeiro sentido, a avaliação sempre faz parte (ou deve fazer) dos processos de ensinar e de aprender. De ensinar, pois o/a docente não pode propiciar aprendizagens significativas nos seus/as alunos/as se ele/ela mesmo/a não avaliar a sua prática pedagógica. E na aprendizagem dos/as estudantes, pois é necessário entender o que os/as alunos/as aprenderam e como chegaram a aprender o que aprenderam, para assim, o/a professor/a verificar se os objetivos que traçou foram atingidos ou não.

Surgem, então, várias dúvidas: Como preparar um instrumento que possa verificar adequadamente o processo de aprendizagem? Como avaliar tal componente curricular? Como dimensionar o tempo? Que peso dar às notas bimestrais? Estabelecer média 5 ou 7? Usar nota ou conceito? Fazer prova ou trabalho? Atividades individuais ou em grupo? Como formular bem as perguntas? Fazer avaliação objetiva ou dissertativa? Como lidar com os erros de português em avaliações que não se destinam a isso? Essas e tantas outras indagações afligem os/as professores/as. Sem, contudo, pretender respondê-las, este artigo se propôs a refletir e analisar algumas práticas (por meio das falas de professoras) em avaliação da aprendizagem escolar na Escola Municipal Governador Antônio Mariz, localizada no município de Dona Inês/Paraíba, com vista a entender como têm ocorrido as práticas de avaliação nesta unidade escolar.

3. AVALIAÇÃO ESCOLAR: CAMINHANDO ENTRE AS VOZES E AS PRÁTICAS DE DUAS PROFESSORAS

O estudo sobre avaliação da aprendizagem nas séries iniciais na Escola Municipal Governador Antônio Mariz- Dona Inês/PB, teve como objetivo principal analisar a concepção e a prática avaliativa de duas professoras que optamos por denomina-las de A e B, do 2º ano que está dentro do ciclo de avaliação contínua da Alfabetização e Letramento do Ensino Fundamental dessa instituição. Consideramos que antes de adentrarmos na análise das entrevistas e das observações é interessante conhecer alguns aspectos do lugar de onde falamos.

A cidade de Dona Inês/PB está localizada na microrregião do Curimataú fazendo divisa com as cidades de Solânea, Araruna, Cacimba de Dentro, Riachão e Tacima. Sua população é de aproximadamente 10.476 (dez mil quatrocentos e setenta e seis) habitantes de acordo com o Censo Demográfico 2010. Divididos em zona rural 5.862 (cinco mil e oitocentos e sessenta e dois) e zona urbana 4.655 (quatro mil seiscentos e cinquenta e cinco) habitantes. (IBGE, 2010).

Acredita-se que por volta de 1850 alguns vaqueiros procuravam vacas desgarradas quando avistaram uma fumaça que se erguia ao pé de um penedo. Acharam estranho e foram identificar o fato. Encontraram em baixo de um cajueiro uma mulher branca e um escravo. Ela se dizia senhora de engenho em Pernambuco e se chamava Dona Inês. Em decorrência disto, o lugar ficou conhecido como Dona Inês até os dias atuais. (CARSAN, 2017, p. 26).

Seu povoamento aconteceu com a finalidade de diminuir as distâncias entre as grandes feiras da região como Nova Cruz/RN, Araruna/ PB e Bananeiras/PB, tendo em vista que Dona Inês situa-se em uma área de transição que engloba os referidos municípios. Os senhores José Paulino da Costa, Pedro Teodoro da Silva e Pedro Teixeira trouxeram suas famílias para cá e batizaram o lugar de Serra de Dona Inês. Tradicionalmente comemora-se o ano de aniversário da cidade no dia dezessete de novembro.

É neste município que fica localizada a escola municipal Governador Antônio Mariz, construída e inaugurada em 1996, cuja oficialização foi dada pelo decreto nº 650/2001 de 19 de abril de 2001. (PPP, 2016/2017). A referida unidade de ensino, localizada no bairro Nova Conquista possui uma estrutura física composta por cinco salas de aulas, três banheiros masculinos, três banheiros femininos, um banheiro unissex, dois banheiros para funcionários,

uma cozinha para o preparo da alimentação escolar, uma dispensa para material de limpeza, uma área de serviço doméstico, uma biblioteca, um refeitório para as crianças, três dispensas para guardar gêneros alimentícios, uma área recreativa descoberta, uma área recreativa coberta, uma secretaria e uma guarita.

Esta instituição é a segunda maior escola na zona urbana deste município. A sua estrutura física é relativamente boa, sendo necessário, no entanto, alguns reparos e manutenções. Todos/as os/as professores/as possuem curso de graduação e pós-graduação na área de educação e são incentivados/as à formação continuada, para uma melhor prática pedagógica. (PPP, 2016/2017).

A escola tem como demanda a educação infantil e o ensino fundamental nas séries iniciais correspondentes ao 1ª e 2ª anos. Possui dez turmas, sendo duas da pré-escola, quatro do 1º ano e quatro do 2º ano nos períodos manhã e tarde, com oito professores. Dois professores atuam na pré-escola e no 1º ano em horários diferentes e os demais nas séries seguintes.

No início da pesquisa na escola Governador Antônio Mariz/Paraíba, foi feito o primeiro contato com a gestora pedindo autorização para a realização das entrevistas (o roteiro está no apêndice B). Ela foi atenciosa e imediatamente autorizou a realização da pesquisa neste ambiente escolar. Em seguida, foi realizado o primeiro contato com as professoras A e B para marcar as datas das entrevistas, comuniquei as mesmas do apêndice A para a produção acadêmica, já que seriam gravadas, transcritas e posteriormente utilizadas no trabalho de conclusão de curso, e elas aceitaram prontamente.

Nos dias onze e doze de setembro de 2018, foram realizadas as entrevistas nos horários manhã e tarde com as respectivas professoras. Nos dias treze e quatorze do mesmo mês, observou-se a sala de aula da professora A, que tem vinte alunos/as matriculados/as e neste período vieram dezoito alunos/as. Nos dias dezessete e dezoito do mesmo mês, observei a sala de aula da professora B que têm vinte e quatro alunos/as matriculados/as e neste período faltaram também apenas dois estudantes.

Em relação as salas de aulas, foram notados espaços bem arejados com boas dimensões, muito material didático, paredes bem coloridas com muitas informações como, por exemplo: calendário, cantinho da leitura, mural, palavras mágicas como bom dia, por favor, licença dentre outras, alfabeto móvel, jogos de linguagem e etc. Nestas visitas, foram observadas também as lousas digitais que o Ministério da Educação - MEC enviou como suporte, que são computadores com áudios que fazem a diferença na escola, porque os/as estudantes se envolvem nas aulas, tornando-as mais criativas e dinâmicas.

A professora A tem trinta e sete anos de idade, possui dois cursos de graduação: Pedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú, instituição que fica localizada no município de Sobral no Ceará, e Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba, além de pós-graduação em Supervisão e Orientação Educacional pelo Geo Guarabira/Paraíba. A mesma é concursada neste município desde 2009, portanto possui nove anos de experiência em sala de aula nesta instituição de ensino. Também já lecionou inglês na escola fundamental Senador Humberto Lucena deste município com turmas do 5º ao 9º ano num total de 13 turmas na disciplina de inglês.

Na entrevista, foram elaboradas vinte e cinco questões abertas, onde as professoras discutiram sobre o tema central que é avaliação da aprendizagem e planejamento, contribuindo de forma definitiva para a produção do artigo proposto. As entrevistas foram gravadas, mediante a autorização das professoras A e B, depois consequentemente transcritas as falas para uma melhor compreensão das informações citadas para o contexto acadêmico.

Dando continuidade ao processo de entrevista, em diálogo com a professora B, a mesma tem 29 anos de idade, possui curso superior em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba, pós-graduação em gestão e supervisão escolar pela Falqui e mestra em educação, na área de educação popular pela Universidade Federal da Paraíba, na qual se identifica muito. Ela possui quinze anos de experiência em sala de aula em outras instituições de ensino, porém a mesma é concursada neste município desde 2017, portanto tem apenas um ano de experiência em sala de aula nesta instituição de ensino.

Na pesquisa *in loco* não vi nenhum material diferenciado para alunos especiais, e as atividades eram iguais para todos os alunos envolvidos, não havia nenhuma diferença de recursos didáticos. Mesmo o Projeto Pedagógico da escola afirmando que o processo de ensino e de aprendizagem do educando com deficiência deve seguir os princípios da educação inclusiva, respeitando a diversidade na escola, garantindo métodos, recursos e organizações específicas para atender as necessidades, isso não têm sido realizados.

Foi observado que a professora tem dificuldades no domínio da turma (déficit de atenção, muita dispersão e falta de interesse do conteúdo apresentado pela professora por parte dos/as alunos/as), porém tem domínio dos conteúdos. Nos momentos de atividades sugeridas pela professora A, era notório muito barulho na sala de aula como também poucas discussões acerca do conteúdo proposto pela respectiva professora.

Nesse sentido, o planejamento escolar é fundamental e um elemento importante que tem relação com a avaliação da aprendizagem escolar. Com relação ao planejamento escolar, a professora A afirma que:

Sem o planejamento fica difícil de trabalhar, porque ele é o roteiro que vai dar suporte para que se tenha segurança, embora que muitas pessoas não valorizem. O planejamento eu valorizo, não vou para a sala de aula sem planejamento até porque eu sei da importância do mesmo e quando a gente planeja, a gente sabe exatamente a necessidade do nosso aluno, porque a gente vai buscar dentro da essência daquela necessidade, que é o nosso aluno e o que ele precisa para chegar ao conhecimento, então pra mim o planejamento é muito importante, é essencial (PROFESSORA A, 2018).

Para Libâneo (1994, p.77) o planejamento é um processo que consiste em preparar um conjunto de decisões tendo em vista agir, posteriormente para atingir determinados objetivos.

Nesse contexto, a Professora B compreende o planejamento como:

Algo que está na nossa vida independente de ser professor ou não; planejamentos para tudo assim na minha prática docente o planejamento é essencial, eu falo que é uma ferramenta essencial, porque não consigo adentrar numa sala sem saber o que vou fazer. O planejamento é muito mais do que uma seleção de estratégias e sim o coração da minha sala de aula; eu consigo realizar as práticas que vou desenvolver e alcançar os objetivos propostos se eu tiver um bom planejamento (PROFESSORA B, 2018).

Sobre o planejamento e a avaliação escolar a Professora B, indaga que são instrumentos importantes para uma boa formação dos/as alunos/as, porque fazem parte do processo de ensino e de aprendizagem. Para Masseto (1994) planejamento é definir claramente suas metas e seus objetivos educacionais, o que pretende que seus alunos aprendam enquanto conhecimentos, habilidades e atitudes: para que pretende formar seus alunos; que cidadãos quer formar; como vê seu papel nessa formação.

De acordo com a importância do planejamento, a Professora A, planeja todas às segundas-feiras na escola das 13:00 às 16:00 horas, portanto, são 3 horas de planejamento semanalmente. Considerando que o planejamento e a avaliação estão interligados no processo de ensino e de aprendizagem, e que eles não são algo separados, mas caminham na mesma direção, a Professora A, diz que:

A avaliação é uma forma de estar sempre avaliando seus alunos como também tentar melhorar, tentar planejar buscando sempre meios de formar os/as alunos/as, pois esse conhecimento é construído durante o processo e que a avaliação da aprendizagem é o foco principal no sentido de ter a certeza que o aluno aprendeu; assegurando o direito de aprendizagens que são várias, como exemplo, matemática, linguagem e ciências, com o dever de construir este conhecimento mediante o processo avaliativo (PROFESSORA A, 2018).

De acordo com a resolução de nº 34 de 22 de dezembro de 2014 do Conselho Municipal de Educação deste município, os processos de avaliação ⁴devem ser na rotina da sala de aula através das transformações ocorridas na educação atual. A avaliação deve ser contínua de forma a contribuir para a formação do indivíduo, respeitando suas diferenças e individualidades para que possam resolver problemas cotidianos. O artigo 7º desta resolução diz:

A avaliação contínua do rendimento escolar cumulativo, mediante a verificação da aprendizagem do conhecimento e do desenvolvimento de competências e habilidades, aferidas através das atividades curriculares e em projetos de jornada ampliada, incluindo os procedimentos próprios de avaliação para diagnosticar as deficiências/necessidades de aprendizagem que servir subsídios para replanejamento das atividades programadas para a sequência do plano de atividades educacional proposto. (RESOLUÇÃO Nº 34/2014 – CME).

A Professora A (2018), relata que sempre comenta nas reuniões e palestras sobre avaliação da aprendizagem, haja visto que a escola foi contemplada com vários programas. Atualmente, funciona o Mais Alfabetização⁵ que está reforçando a aprendizagem do aluno, sendo importante na avaliação dos mesmos pelo índice de aprendizagem, sendo postado e alimentado nas plataformas, como por exemplo a plataforma do Mais Educação⁶.

Atualmente faço parte do PNAIC - Alfabetização na Idade Certa, onde sou acompanhada pelas minhas formadoras e também pela Secretaria Municipal de Educação e agora estamos na formação continuada, com o objetivo de avaliar nossos alunos sistematicamente. Sempre a nossa preocupação estar em torno da avaliação da aprendizagem, porque a gente tem um compromisso com o MEC e com a plataforma que a gente está alimentando; tem provas avaliativas e ultimamente apliquei provas do Mais Alfabetização na matéria da linguagem e também matemática, buscando conscientizar os/as alunos/as sobre a aprendizagem de qualidade (PROFESSORA A, 2018).

⁴ De acordo com o artigo 1º desta resolução, “A avaliação dos processos de ensino e aprendizagem se constitui na ação reflexiva que perpassa todas as ações pedagógicas, onde os variados segmentos, integrados à educação, podem pensar, relembrar e redimensionar, permanentemente seu Projeto Político Pedagógico, no intuito de definir objetivos, metas e ações que proporcionem o exercício da cidadania daqueles que convergem à escola, considerando-se portanto, o desenvolvimento das múltiplas dimensões humanas, da convivência política e solidária e consolidação de uma escola pública e voltada para o sucesso educacional.” (RESOLUÇÃO Nº 34/2014 – CME).

⁵ O Programa Mais Alfabetização, instituído pelo Ministério da Educação (MEC) pela Portaria nº 142/2018, tem como objetivo fortalecer e apoiar técnicas e financeiramente as unidades escolares no processo de alfabetização de estudantes regularmente matriculados nos dois primeiros anos do ensino fundamental.

⁶ O Programa Mais Educação criado pela Portaria MEC, nº 1.114/2016, é uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes.

Questionada sobre o planejamento na sua prática pedagógica, a Professora A comenta que:

Sabemos que o planejamento é flexível, eu tenho consciência disto. Por exemplo, eu chego na sala de aula querendo dar uma aula e de repente um aluno quer saber de uma informação cotidiana da sua comunidade, logo a gente parte para o debate, sendo que eu tenho que partir desta informação, eu tenho que dar atenção ao meu aluno para a gente construir o conhecimento contextualizado. Então, neste momento o plano é flexível, não posso pegar um plano de aula e fazer tudo que está determinado, sem considerar o meu aluno como sujeito ativo do processo de ensino e de aprendizagem (PROFESSORA A, 2018).

Para a Professora A (2018), a avaliação da aprendizagem é o foco principal no sentido de ter a certeza que o/a aluno/a aprendeu e como o/a aluno/a pode ser analisado/a. Há os descritores de aprendizagem, que são os meios utilizados para a criança aprender nas diversas disciplinas. Ensinar sem avaliar se torna um processo vago. O papel da avaliação se torna necessário para a certeza de um bom trabalho, pois é necessário avaliar o/a aluno/a, como forma de buscar a construção do conhecimento com segurança. Nesse quesito, a professora A observou também que a avaliação contínua pode auxiliar bastante no trabalho com os conhecimentos prévios, no planejamento das aulas e na efetividade da ação pedagógica.

Sempre reviso o meu planejamento e a minha prática pedagógica, justamente por trabalhar num processo de avaliação contínua, por ser contínua eu vou vendo as crianças, aqueles com dificuldades e aí vou avaliando de acordo com as necessidades dos/as alunos/as, porque o planejamento não é para o professor e sim para atender as necessidades dos/as alunos/as (PROFESSORA A, 2018).

Ainda de acordo com a Professora A (2018), no município de Dona Inês, Paraíba, não se usa a nota e sim conceitos como forma de avaliar os/as alunos/as, como por exemplo, o Sim (para o domínio do conteúdo), o Não (para o não domínio do conteúdo) e Parcialmente (para o domínio parcial do conteúdo). A avaliação dos/as alunos/as é contínua, onde os mesmos são avaliados diariamente.

Referente a atribuição da nota aos alunos a Professora A (2018), relata que esse método não mede a aprendizagem de ninguém, a nota é apenas uma simbologia no processo cotidiano da aprendizagem, acreditando que a avaliação é um processo pedagógico contínuo, em que os/as os/as alunos/as são sempre avaliados/as no cotidiano escolar.

Como suporte da sua prática pedagógica a Professora A se inspira em Emília Ferreiro e também Vygotsky que é o autor do interacionismo que segundo ele, às crianças aprendem através da interação entre elas.

Na minha graduação do curso de Pedagogia, eu paguei avaliação, a gente discutia muito sobre avaliação da aprendizagem, onde vários autores comentavam sobre o assunto, mas a principal era Emília Ferreiro que sempre tínhamos como suporte teórico nas nossas discussões. Quando estou avaliando, estou aprimorando a minha prática pedagógica e consequentemente melhorando a aprendizagem do meu aluno numa relação mútua (PROFESSORA A, 2018).

Em relação aos recursos utilizados no planejamento escolar, a Professora A (2018), cita que utiliza os dedos, as pernas, o corpo, livros, cd's, microfone, caixa de som, e lousa digital.

A prova como a gente avalia num processo contínuo ainda vale apenas, porém eu não sou muito a favor da prova, mas é o padrão do sistema educacional vigente, como por exemplos, o Programa Mais Alfabetização e o Soma - Pacto pela Aprendizagem da Paraíba que adotam as provas nas séries iniciais e no 3º ano, temos a Avaliação Nacional da Alfabetização - ANA, que avalia a aprendizagem. A prova ainda hoje é utilizada como um processo de medir a capacidade do aluno, porém não considero que seja verdade por se tratar apenas de um teste que vai medir as habilidades num dado momento (PROFESSORA A, 2018).

A professora A (2018), valoriza os conhecimentos prévios dos/as alunos/as através de perguntas, observando as suas opiniões e a partir delas deixando os/as estudantes livres para falar, construindo o processo de conhecimento a partir das informações do cotidiano de cada um/a deles/as, perguntando e observando as suas opiniões, deixando-os livres para falar.

Na visão dessa docente, o erro como forma de aprendizagem para os/as alunos/as é importante, porque quando a criança erra com relação aos conteúdos, o mesmo vai sendo corrigido até que consiga fazer de forma correta, aprendendo continuamente, mesmo com a sensação de culpa por não ter acertado na primeira tentativa, porque a culpa faz parte de todos envolvidos no processo de aprendizagem.

Para falar em culpado a gente assume uma responsabilidade muito grande, tendo em vista que não vou criticar a comunidade escolar, mas vou dizer que o professor não faz milagres, você recebeu um aluno sem os conhecimentos adequados para a série, aí manda uma atividade para casa por exemplo, e a criança não faz porque às vezes os pais não incentivam e muitas vezes são analfabetos, mas o aluno deve ter responsabilidade também, que não só o

professor tenha essa responsabilidade e sim toda a comunidade escolar, porque quando não existe este processo, essa união, aí sim o aluno se atrasa e o professor pode dizer que não é culpado sozinho porque não existe a culpa só no professor (PROFESSORA A, 2018).

Para Luckesi (2011, p.197), não há por que castigar em função de uma solução que não se deu de forma bem-sucedida. Há sim, que se utilizar positivamente dela para avançar na busca da solução pretendida.

Eu deito a minha na cama, no meu travesseiro, na consciência de que eu lutei, estou lutando se o aluno não quis, eu estou lutando, eu não desisto do aluno, não desisto, agora quanto a participação dos pais aí sim, realmente o trabalho se torna mais leve, vamos dizer assim a criança aprende, abri todo o leque de aprendizagem é incrível (PROFESSORA A, 2018).

A Professora A (2018), comenta que na sua sala de aula um aluno diagnosticado com síndrome de Down, o qual observou-se sempre muito agitado nas atividades desenvolvidas. Sendo assim, a professora questiona a falta de materiais específicos para este aluno, já que existem leis específicas que o acoberta. Ela comentou que até as provas do Mais Alfabetização são iguais para todos os alunos.

No artigo 10. do projeto político Pedagógico-PPP, deverá prever adequações curriculares e adoção de estratégias, recursos e procedimentos diferenciados, quando necessário, para a avaliação da aprendizagem dos alunos com deficiência⁷, assegurando-lhes acessibilidade.

Com relação aos recursos utilizados para às crianças com deficiência, alguns materiais concretos que existem na escola como bola, bambolê, faço dinâmicas com bambolê, cordas dentre outras. Mas infelizmente existem poucos materiais na escola para as crianças com deficiência, até as provas que veem do Mais Alfabetização não são diferenciadas (PROFESSORA A, 2018).

No entanto, a Professora A (2018), comenta que gostaria que as provas fossem diferenciadas para atender as necessidades dos/as alunos/as especiais, até porque estão incluídos no ensino regular e necessitam ser respeitados, argumentando que é necessário se ter

⁷A educação inclusiva está inserida na referida escola por meio do atendimento educacional especializado-AEE, oferecido na escola municipal do ensino fundamental Senador Humberto Lucena, a qual têm vários serviços, recursos e estratégias específicas que favorecem os processos de ensino e de aprendizagem dos educandos com deficiência intelectual, física, surdez, múltiplos transtornos globais do desenvolvimento dentre outros. Sendo que a avaliação deverá ser por um parecer bimestral descritivo, observando as habilidades adquiridas pelos alunos comparando com a avaliação diagnóstica inicial e às avaliações bimestrais.

mais atenção com os mesmos, tanto na sua posição como professora como também de seus colegas de trabalho, porque o conteúdo é o mesmo para todos os alunos e os professores sempre são cobrados para diferenciar as atividades em sala de aula.

Para Piletti (1999, p.61) planejamento é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema e quais as melhores alternativas de ação possíveis para alcançar determinados objetivos a partir de certa realidade.

Eu organizo minhas ações a partir primeiramente do estudante que tenho, das suas competências que conseguem atingir, daí penso que atividades desenvolver como eles vão atingir os objetivos para que eu possa avaliar neste processo. Então o planejamento é um instrumento fundamental, onde eu consigo exercer a minha prática educativa com segurança e confiança (PROFESSORA B, 2018).

A Professora B (2018), faz menção ao seu tempo pedagógico por fazer parte do plano de cargos e carreiras do magistério, que são vinte horas em sala de aula, dez horas para o planejamento e cinco horas para planejar em casa, totalizando trinta e cinco horas de atividade. Na escola a professora organiza as atividades e no Centro Municipal de Capacitação de Professores (CEMCAP), todas as terças-feiras os professores planejam com o apoio do coordenador pedagógico, gestores escolares, supervisores dentre outros profissionais da secretaria de educação do município.

Portanto, temos que estar sempre preparados, porque apesar de planejarmos e tentarmos realizar e fazer o que planejamos na sala de aula, a mesma é muito imprevisível e tudo pode acontecer, não sabemos apesar de conhecer nossos estudantes, somos surpreendidos sempre com alguma novidade. A turma pode estar agitada, pode acontecer algo externo que interfira na sala de aula, até mesmo o professor pode não estar bem naquele dia de atividade, temos que ter vários planos para que as coisas deem certo naquele dado momento (PROFESSORA B, 2018).

Nesse sentido, é percebido através da fala da Professora B, que a avaliação da aprendizagem é discutida em todos os encontros pedagógicos, não havendo um encontro específico para tal e que os mesmos acontecem bimestralmente, não sendo a avaliação um eixo separado. No município de Dona Inês/PB, existe um forte incentivo na formação dos professores.

Na verdade, a avaliação é discutida em todos os nossos encontros não tendo um encontro designado para a avaliação. Eu tenho percebido isto desde que cheguei em Dona Inês e por outros lugares que passei, mas aqui é muito forte o incentivo a nossa formação como professores, pois temos encontros

pedagógicos a cada bimestre. A avaliação na verdade não é um eixo separado e sim sempre presente no processo de ensino e aprendizagem até porque sabemos que ela não pode acontecer de forma isolada, pois no nosso dia a dia a avaliação está presente, então não tem momento certo para discutir, desde o planejamento de seleção de conteúdos até a execução das atividades estamos avaliando sistematicamente a cada dia o desenvolvimento dos estudantes (PROFESSORA B, 2018).

A Professora B (2018), relata que a avaliação da aprendizagem é um meio por onde consegue identificar até que ponto os/as alunos/as conseguem chegar ou não, servindo também para ela enquanto professora, porque é através da avaliação que os/as alunos/as se desenvolvem no que se está sendo proposto, por conseguinte, acredita que seja um meio de sistematizar a sala de aula para que possa atingir o seu objetivo, que é sempre aperfeiçoar a prática docente para que os/as estudantes aprendam.

Esse entendimento está posto também no Projeto Político Pedagógico da instituição a qual ela trabalha. O artigo 3º afirma que a avaliação, durante os processos de ensino e aprendizagem, considerará, no seu exercício, os seguintes princípios: O aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem; e a aferição do desempenho do estudante, quanto à apropriação de conhecimentos em cada área do ensino, componentes curriculares e o desenvolvimento de conceitos, competências e habilidades.

A avaliação hoje é contínua, aspecto inquestionável, mas que deve ser tratada com cautela já que é um período em que são construídas as bases comportamentais, sabendo corrigir as suas falhas e estimular suas competências de maneira sutil e compreensiva (PPP, 2016/2017).

A nota por muito tempo passou a ser um instrumento de mensuração, eu mensuro o aprendizado do aluno através de uma nota, mas não quer dizer nada a nota, porque ela mede um dado momento que o aluno se preparou para este objetivo, até porque o nosso sistema trabalha com números infelizmente (PROFESSORA B, 2018).

O autor que a Professora B se identifica é Luckesi porque indaga as concepções⁸ de avaliação (diagnóstica, somativa e formativa) para chegar a um denominador comum. Além disso, também funciona como suporte da sua prática pedagógica por sua concepção de

⁸ De acordo com o PPP desta instituição, o ato de avaliar está norteado em cinco estágios: “A diagnóstica que levanta informações e dados necessários à contextualização dos processos pedagógicos. A processual que ocorre no dia-a-dia de forma orientada levando em conta as modificações e as superações, mantendo um diálogo constante com o estudante. A participativa que envolve a comunidade, os professores, podendo ser feita com o auxílio do conselho escolar. Acumulativa que considera os aspectos progressivos na produção do conhecimento e a emancipatória avaliando a prática educativa os acertos e os erros, às condições oferecidas nos processos educativos para a formação humana.” (PPP, 2016 e 2017).

avaliação. Assim se chegam a várias análises do/a aluno/a e não apenas algo descontextualizado do processo avaliativo.

Eu tenho o portfólio na minha sala de aula como também atividades de conversação, jogos, e sequência lógica, e escrita trabalhando dentro do processo de avaliação. Não há instrumento melhor que o outro e sim aquele que responda melhor ao meu aluno, como exemplo tem aluno que é melhor na escrita outro que é melhor nos cálculos e assim sucessivamente. Não adianta um instrumento de avaliação perfeito que os meus alunos não consigam desenvolver dentro da realidade proposta, então não existe melhor ou pior e sim aquele que melhor se adequa a realidade da minha turma, como também não existe instrumento que deixou de valer apenas, existe instrumento que é mau utilizado, pois a intenção que a prova foi utilizada por muito tempo que a denegriu como instrumento de punição e não como algo voltado para o processo de avaliação do ensino (PROFESSORA B, 2018).

Conforme a Professora supracitada, a prova muitas vezes é utilizada incorretamente, mas ela tem a sua importância no papel de avaliar o/a aluno/a, e às vezes os/as mesmos/as não se sentem parte do processo de aprendizagem, sendo necessário partir sempre dos conhecimentos prévios dos/as estudantes para abordar os novos conteúdos para então começar daquilo que eles conhecem, ou seja, do local para o global como meio de assegurar um conhecimento sólido, pois a melhor maneira é sempre ouvindo-os na sala de aula e a sensibilidade do professor para realizar rodas de conversas para poder transmitir o conteúdo de forma satisfatória e produtiva.

A avaliação diagnóstica é muito importante porque vai diagnosticar a situação do aluno, então eu gosto muito de fazer no início do ano para saber como os meus alunos estão previamente, porque a partir deste momento consigo ver os avanços que eles têm. A formativa é um processo constituinte que está formando o estudante no processo educativo e a somativa é importante porque o nosso sistema trabalha com avaliação somativa, pois precisamos de resultados infelizmente (PROFESSORA B, 2018).

A Professora B (2018), relata ainda que sua prática pedagógica sempre é revista com um novo roteiro, um novo caminho, para rever as habilidades que estão faltando para que aquele conteúdo possa ser solidificado. O/a aluno/a muitas vezes passa para a turma seguinte sem saber ler, escrever e interpretar o que indica um ensino sem critérios de avaliação do processo de aprendizagem como também da falta de reflexão da prática docente de muitos/as profissionais. Isso se constitui num problema para esta educadora.

Nesse contexto, a referida professora afirma que o erro é um elemento importante no processo de ensino e de aprendizagem do/a estudante, pois se não existir erro não existe acerto.

Eu não vou induzir meu aluno ao erro, jamais a gente trabalha para que o nosso aluno acerte, mas se neste caminho acontecer o erro ele tem que entender que o erro faz parte do processo de aprendizagem. O erro é para ser visto como novos caminhos para que o estudante não possa errar constantemente, até porque nossa formação na escola não é identificar o erro, mas fazer com que o aluno progrida dentro do erro como uma nova ação deste processo (PROFESSORA B, 2018).

Conforme a Professora B (2018), não existem culpados no processo educativo, existe algo que não deu certo, da mesma forma que não existe a culpa do/a aluno/a, dos pais, das mães ou do/a professor/a. Existem vários fatores que determinam que o/a aluno/a não se desenvolva, como por exemplo, os problemas familiares ou cognitivos, pois o erro se inicia na medida que se trabalha procurando culpados, porque no processo de aprendizagem não existem culpados.

Sobre a utilização de instrumentos diferentes para alunos/as que possuem deficiência, a Professora acima mencionada, comenta que têm dois alunos na sala de aula, um com deficiência intelectual e um na fala (dislexia), ambos fazem parte do Atendimento Educacional Especializado (AEE) do município.

Para as atividades manuais, os alunos com deficiência têm uma cartilha diferenciada dos outros alunos da turma, tem também caderno diferenciado e livro didático, apesar de existir algumas atividades coletivas eles participam do mesmo modo, como forma de incluí-los dentro do processo educativo na escola (PROFESSORA B, 2018).

Sobre a forma de avaliar seus alunos/as a Professora B (2018), comenta que nunca foi questionada a respeito do seu método de avaliação, pois desde que chegou no município de Dona Inês/PB e iniciou o seu trabalho docente na Escola Municipal Governador Antônio Mariz, passou a apresentar sua metodologia de ensino aos pais dos seus alunos nas reuniões escolares.

Sobre à avaliação no Brasil, a Professora B (2018), argumenta que é preciso mudar a estrutura da escola que temos hoje no país, como também o processo de avaliação vigente, que é entendido como um instrumento de ensino que deve ser conduzido continuamente, por ser muito difícil avaliar.

Nessa perspectiva, a Professora B entende que a avaliação é vista como paradigmas, de como medir conhecimentos, mas que na verdade a avaliação não mede nada, ela constitui o processo de aprendizagem. A avaliação é um instrumento que faz parte do processo de ensino e de aprendizagem, ela não está à margem, ela não precisa de um tempo para acontecer, ela acontece de forma contínua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas respostas da entrevista aplicada para duas docentes que lecionam o 2º ano, denominadas de Professora A e Professora B, respectivamente, da Escola Municipal Governador Antônio Mariz, Dona Inês/PB, sobre a avaliação da aprendizagem nas suas práticas docentes em sala de aula, foi observada uma convergência, referente aos instrumentos para as avaliações pedagógicas.

Constatamos que é de extrema relevância o processo avaliativo, pois a avaliação deve ser de forma contínua, onde o/a aluno/a seja o sujeito principal deste processo e o docente seja o/a facilitador/a e mediador/a, sabendo que a avaliação é algo que abrange a existência humana e que implica uma reflexão crítica sobre a prática educativa.

A Professora A afirmou que o seu planejamento é realizado semanalmente, das treze às dezesseis horas, portanto, são três horas de planejamento, e que ele está interligado com o processo avaliativo na sala de aula, pois ambos caminham juntos no processo de ensino e de aprendizagem. A referida professora comenta que a avaliação é um meio de estar sempre interpretando o desenvolvimento dos/as alunos/as, como também melhorar o seu planejamento, no sentido de estar sempre focando no que o/a aluno/a aprendeu em sala de aula.

A Professora B expressou que o seu tempo de atividade docente na sala de aula é de vinte horas, dez horas para planejamento e cinco horas de atividades em casa, totalizando trinta horas semanais. A professora afirma que a avaliação é discutida em todos os encontros, não havendo um encontro designado para este tema, pois ela não é um eixo separado do processo de ensino e de aprendizagem, mas sim algo presente no dia a dia.

Notou-se em sala de aula, a partir da observação realizada, alguns instrumentos avaliativos diferentes da Professora B, como por exemplo: a escrita, a produção textual e a maneira com que o/a aluno/a se comporta, onde ficou notória a participação, a interação e o dinamismo dos/as mesmos/as nas atividades propostas pela docente.

Em suma, os resultados apresentados, mostram uma convergência nas práticas pedagógicas da Professora A e da Professora B, acerca de suas concepções pedagógicas e dos recursos utilizados em sala de aula, em que uma professora os utiliza um pouco mais do que a outra, porém, ambas realizam uma avaliação contínua, mas que em suas práticas pedagógicas há uma pequena diferenciação no modelo avaliativo dos conteúdos e da forma de lecionar.

Essa pesquisa e o texto dela derivado, confirmou a necessidade de investigações como estas para que conheçamos uma parcela da realidade escolar nesse aspecto e possamos em posse desse conhecimento, interferir de forma mais eficaz nos processos de ensinar e de aprender.

REFERÊNCIAS

BALLESTER, Margarida. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. 1ªed, Artimed, Porto Alegre, 2003.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_urb_rur.php?codigo=250570. Acesso em: 17 nov. 2018.

CALDEIRAS, Maria de Andrade. **As relações entre aprendizagem significativa e representações multimodais**. 1ªed, Scipione, São Paulo, 2010.

CARSAN, G.G. **Dona Inês: seu povo, sua história**. 1ªed, Moderna, Dona Inês, 2017.

ESTABAN, Maria Teresa. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 5ªed, DP e A, Rio de Janeiro, 2003.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação: mito e desafios, uma perspectiva Construtivista**. 35ªed, Mediação, Porto Alegre, 2005.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: planejamento**. 2ªed, Cortez, São Paulo, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22ªed, Cortez, São Paulo, 2011.

MASSETO, Marcos Tarcísio. **Didática: A aula como centro**. 1ª ed, FTD, São Paulo, 1994.

PILETTI, Nelson Claudino. **Didática geral**. 22ªed, Ática, São Paulo, 1999.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO -PPP – Escola Municipal Governador Antônio Mariz Dona Inês/PB. 2016-2017.

RESOLUÇÃO nº 34 de 22 de dezembro de 2014 - Conselho Municipal de Educação-CME.

SOARES, Magda Becker. **Travessia:** Tentativa de um discurso da ideologia. 1ªed, Amigos do Livro, Belo Horizonte, 1982.

VASCONCELOS, Celson dos Santos. **Avaliação:** Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 17ªed, Libertad, São Paulo, 2007.

APÊNDICE A – OS TERMOS DE CONSENTIMENTO**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da educadora entrevistada****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

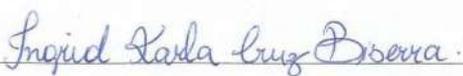
Esta pesquisa intitulada *Avaliação da aprendizagem escolar: uma interpretação sobre a concepção e a prática das docentes da Escola Municipal governador Antônio Mariz - Dona Inês/PB*, está sendo desenvolvida por Joaílson Gonçalves de Pontes, estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III/ Guarabira/ Paraíba, sob orientação da professora Ingrid Biserra.

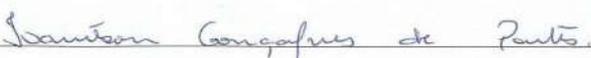
O objetivo é analisar a concepção e a prática de avaliação da aprendizagem escolar das docentes da Escola Municipal Antônio Mariz, localizada no município de Dona Inês/ Paraíba.

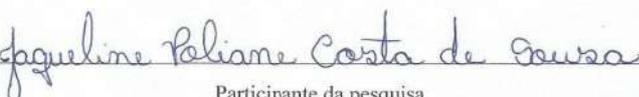
Solicitamos a sua colaboração por meio de uma entrevista com perguntas semiestruturadas e gravação de áudio para servir apenas os fins acadêmicos dessa pesquisa, sendo, portanto, publicada enquanto trabalho de conclusão de curso, artigo em evento acadêmico ou em revistas científicas.

Estamos disponíveis¹ para quaisquer esclarecimento e a qualquer momento a senhora pode desistir da participação.

Assim, declaro estar de acordo com o exposto acima e consinto participar da pesquisa e ter elementos da mesma publicados posteriormente. Recebi também uma cópia deste documento.


Orientadora


Pesquisador responsável


Participante da pesquisa

Dona Inês, 11 de setembro de 2018

¹ Para mais informações ou esclarecimentos, ligar para o pesquisador Joaílson Gonçalves de Pontes: (83) 981222409, ou enviar mensagem para o e-mail joaílsongoncalves@hotmail.com.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da educadora entrevistada**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Esta pesquisa intitulada *Avaliação da aprendizagem escolar: uma interpretação sobre a concepção e a prática das docentes da Escola Municipal governador Antônio Mariz - Dona Inês/PB*, está sendo desenvolvida por Joailson Gonçalves de Pontes, estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III/ Guarabira/ Paraíba, sob orientação da professora Ingrid Biserra.

O objetivo é analisar a concepção e a prática de avaliação da aprendizagem escolar das docentes da Escola Municipal Antônio Mariz, localizada no município de Dona Inês/ Paraíba.

Solicitamos a sua colaboração por meio de uma entrevista com perguntas semiestruturadas e gravação de áudio para servir apenas os fins acadêmicos dessa pesquisa, sendo, portanto, publicada enquanto trabalho de conclusão de curso, artigo em evento acadêmico ou em revistas científicas.

Estamos disponíveis¹ para quaisquer esclarecimento e a qualquer momento a senhora pode desistir da participação.

Assim, declaro estar de acordo com o exposto acima e consinto participar da pesquisa e ter elementos da mesma publicados posteriormente. Recebi também uma cópia deste documento.

Ingrid Stala Cruz Biserra.

Orientadora

Joailson Gonçalves de Pontes.

Pesquisador responsável

Miriam do Espírito Santo

Participante da pesquisa

Dona Inês, *12 de setembro de 2018*

¹ Para mais informações ou esclarecimentos, ligar para o pesquisador Joailson Gonçalves de Pontes: (83) 981222409, ou enviar mensagem para o e-mail joailsongoncalves@hotmail.com.

APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Qual a sua idade?
2. Qual a sua formação e onde cursou? Possui pós-graduação? Onde cursou? Caso tenha, qual a sua motivação/objetivo para a realização da mesma?
3. Quanto tempo de experiência docente na área você tem?
4. Há quanto tempo trabalha nesta escola?
5. Já lecionou em outros anos do ensino fundamental? Quais? Rede pública ou privada?
6. Nessa instituição que você trabalha hoje já houve alguma palestra ou reunião pedagógica voltada para a temática da avaliação da aprendizagem? Esse tema já foi (ou aparece) discutido nas reuniões de planejamento?
7. Qual o papel do planejamento na sua prática?
8. Como planeja suas aulas (semanalmente, quinzenalmente, em casa, na escola)? Utiliza quais recursos?
9. E se algo fugir do planejado?
10. O que é avaliação da aprendizagem? Por quê avaliar e qual o seu papel?
11. O que significa a nota?
12. A nota revela a aprendizagem?
13. Você lembra das discussões sobre avaliação em algum componente curricular na sua graduação?
14. Conhece algum/a autor/a, discussão teórica ou legislação sobre essa temática? É possível citar qual?
15. Como você avalia os/as alunos/as? Qual a periodicidade? Quais os instrumentos?
16. Existe instrumento melhor que outro?
17. A prova ainda vale a pena hoje?
18. Você utiliza os conhecimentos prévios dos/as estudantes? Como auferi-los no início do ano letivo, do semestre ou mesmo no início de um conteúdo novo?
19. O que você entende sobre as funções da avaliação diagnóstica, formativa e somativa?
20. Detectado que alguns alunos/as estão com dificuldade na apreensão de determinado conteúdo, o seu planejamento e a sua prática é revista? Como?
21. Como você lida com o erro em sala de aula?
22. Se o/a aluno/a não aprendeu o culpado é ele/a?
23. Você utiliza instrumentos diferentes para os/as alunos/as que possuem deficiência?

24. Alguma vez a gestão, o pai, a mãe, o/a responsável pelo/a estudante (ou até mesmo o/a estudante) reivindicou a sua forma de avaliar?
25. O que você acha que poderia melhorar no sistema de avaliação escolar no Brasil, na escola em que trabalha e na sua prática pedagógica?